

## **O mundo chama**

Fonte: Revista Vida Executiva - SP - Edição de 10/2005

Todo mundo sabe o que uma passagem pelo exterior é capaz de fazer por um currículo. Além de conhecer novos mercados, a vivência em outro país amplia os horizontes culturais, sociais e profissionais. Porém, geralmente a proposta chega quando a pessoa está em uma fase mais madura da vida, em que já há cônjuge, filho, cachorro e papagaio.

E como família não é só colocar na mala, a confusão está feita. "Houve um tempo em que, culturalmente, a mulher acompanhava o marido e pronto. Hoje, o cenário é muito diferente, pois normalmente elas têm sua própria carreira ou, então, são elas que recebem a proposta", diz o psicanalista Fabrizio Lorenzoni, do Núcleo Nossa Meta, empresa de consultoria.

Atentas a esse problema, muitas empresas possuem políticas para facilitar a transição dos funcionários. Mas, de acordo com o psicanalista, "dificilmente surge um convite que agrade o parceiro, pois o caminho do funcionário foi planejado; do outro, é um remendo", diz Lorenzoni, lembrando, no entanto, que é do interesse da empresa facilitar a transição.

"Quando a companhia investe em uma mudança, a pessoa precisa estar aberta. E ela só vai estar disponível por completo se não tiver comprado uma briga com a família por causa desse motivo". Se ambos trabalham na mesma companhia, é mais fácil empregar o casal no novo país, mas não é o que acontece na maioria dos casos.

Para facilitar a adaptação, os benefícios costumam ser no campo social e educacional. "Normalmente a própria empresa pesquisa atividades no país que possam interessar ao cônjuge, como cursos, trabalhos voluntários, grupos comunitários", diz Marta Rachman Cicolo, diretora de mercado da Mariaca & Associates.

Outro argumento que facilita a negociação do executivo com a família é o ganho que a experiência representa para todos. "É inevitável que diante de uma proposta um dos dois abandone a carreira por uns tempos, mas é preciso ver como um período de ganhos para todos: no mínimo, a família vai aprender uma nova língua", diz Marta.

### **Ajuda bem-vinda**

Na empresa Monsanto, por exemplo, o programa de transferência do profissional consiste em oferecer uma ajuda de custo para o parceiro estudar ou investir em alguma atividade no novo país. E a medida facilitou a vida da agrônoma Silvana Gomes Regitano de Lima, controller de manufatura da empresa.

Casada há quatro anos e meio com Emerson Berto de Lima, ela foi convidada para assumir a gerência de planejamento de produção da companhia na Cidade do México. "O assunto sempre foi discutido entre nós, pois sempre tive o sonho de trabalhar fora.

No começo ele era mais resistente, mas, com o tempo, foi percebendo a importância dessa experiência para mim", conta Silvana. Em junho passado, veio o convite, que precisou ser respondido prontamente. "Era seis e meia da tarde, eu estava dirigindo e me pediram para responder até às oito.

Estacionei o carro, liguei para o Emerson e retornei confirmando", lembra a agrônoma. A decisão foi rápida porque os dois tinham acertado os ponteiros. Já que Emerson trabalhava como free lance na área de representação comercial, não tinha vínculos profissionais que o prendiam no Brasil.

"Primeiro vou conhecer o mercado de lá, mas estou levando contatos e em breve pretendo retornar ao trabalho", planeja. Por enquanto, Emerson vai aproveitar a ajuda da empresa para investir em um outro campo: o mergulho. "Quero comprar equipamentos para fotografar debaixo d'água e fazer algumas especializações".

A situação se complica quando ambos possuem carreiras bastante estruturadas e têm planos diferentes. "Nesse caso, alguém tem de ceder, e se os dois estão muito focados em seus objetivos profissionais, é muito difícil chegar a um consenso", explica Lorenzoni. Mas, segundo ele, se um dos dois tem planos de trabalhar no exterior, o assunto tem de ser tratado com transparência, a fim de não virar um problema maior quando o convite surgir.

#### Made in Campinas

Depois de um ano na ponte aérea, em janeiro deste ano, Marcelo Ciasca levou a mulher e os dois filhos para a Cidade do México

#### Filhos na jogada

O casal Silvana e Emerson não tem filhos e isso, de alguma forma, torna o meio de campo mais fácil. No caso de Marcelo Ciasca, diretor da unidade de negócios no México, da Stefanini (empresa de consultoria de informática), além da esposa, que trabalhava no Brasil, precisou convencer os dois filhos, um com 12 e outro com 15 anos, a embarcarem na mudança.

"A proposta era tudo o que eu esperava e sabia que para eles também seria bom, mas isso era um feeling meu, não era a percepção que eles tinham da situação", explica. Ciasca lembra que o difícil não foi negociar com a família e sim convencê-los do que ele havia decidido.

"Não tinha muito o que ser discutido. A saída era negociar com a empresa as condições da mudança". O consenso foi que, em um primeiro momento, o executivo teria que se dividir entre México e Campinas, onde a família morava, passando três semanas lá e uma no Brasil. E assim foi até o final de 2004, quando os filhos encerraram o ano escolar e fizeram a mudança.

E, segundo Ciasca, não foi complicado estabelecer as regras do jogo. "Eu queria muito a mudança, e a empresa sabia que a aprovação da minha família era muito importante, então, foi tranquilo conversar", diz ele. A primeira fase também foi fundamental para o executivo se dedicar com mais afinco à nova atividade e preparar o terreno para a chegada da esposa e dos filhos.

Com a mulher de Ciasca, a história foi outra. Ela trabalhava na área administrativa, porém, não foi o fato de deixar o emprego que ela mais sentiu, e sim deixar a família. "Desde o início ela apoiou a mudança, mas eu sei o quanto foi difícil deixar a vida que tínhamos em Campinas, para viver em uma cidade nova, com costumes mais machistas, mais conservadores", pondera Ciasca. A família Ciasca está morando na Cidade do México desde o início de 2005 e planeja ficar lá por pelo menos três anos.

#### Plano de sobrevivência

Para Marie Josette Brauer, diretora do Coaching Center Jo Brauer, a situação é pior quando a transferência é para países muçulmanos. "Na Europa ou nos Estados Unidos, é mais fácil a adaptação e os ganhos são mais claros.

O difícil é quando o homem recebe o convite, em geral com salário alto, e a mulher precisa deixar a vida no Brasil para morar em um lugar onde não pode nada. Normalmente, o casal não vai".

No caso de um dos dois abrir mão de seu trabalho e de sua vida em prol da carreira do outro, em algum momento a cobrança virá e, segundo Marie Josette, só vai atrapalhar o quadro. "Ninguém abre mão de seus projetos impunemente", alerta. Ela também faz algumas recomendações que facilitam o processo de mudança:

- "Uma vez que decidiu ir, nada de ficar enchendo o saco. Trabalhe todas as suas objeções antes de aceitar a mudança";
- "Faça uma planilha com tudo o que você vai deixar para trás, o que vai ganhar e o que poderá ser feito no novo país";
- "Na hora de levantar suas perdas, liste todas, por mais bobas que possam parecer. Por exemplo: lá não tem o doce tal, mas tem outro que posso substituir? E se eu aprender a fazer algo semelhante?";
- "Caso eu tenha que deixar de trabalhar, ficarei entediado de ficar em casa após seis meses?";

- "Se meu parceiro (a) viajar muito, vou agüentar ficar só em um país que não conheço ninguém?";

Respondidas essas questões, e todas as outras que surgirem, se mesmo assim os ganhos forem maiores, faça suas malas e não tenha medo de embarcar nessa.